http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2014v6n11p253

Comemorar, divertir, lutar. A reinvenção do cotidiano no mundo do trabalho, Camocim-CE, 1950-1970*

Carlos Augusto Pereira dos Santos**

Resumo: O artigo procura mostrar como os trabalhadores criam suas próprias opções de lazer a partir do universo de suas trocas culturais. Assim, buscar o sentido das comemorações e celebrações nos espaços do trabalho, nas associações de classe e na rua é compreender também como isso se transforma em momentos de lazer e afirmação da identidade operária numa cidade do interior cearense. Camocim, situada no litoral oeste, é essa cidade marcada economicamente pela existência de um porto marítimo e uma ferrovia, importantes economicamente até meados do século XX, assim como por uma militância comunista atuante nesses espaços. Portuários, ferroviários, salineiros, dentre outros, são estes trabalhadores que reinventam seus cotidianos e se divertem.

Palavras-chave: comemoração; cotidiano; cultura.

Abstract: Through the meaning given by workers to commemorations and celebrations in their working place, at their class associations and in the streets we will present the forms and mechanisms they adopt to create their own options of leisure having their cultural universe as reference. These processes of celebration are seen as moments of leisure that reinstate identity between the workers of a small town in the interior of Ceara. Camocim, the place of reference of our main investigation, is a town where the sea port and the railway were economically determinant up to the time of our study and where Communist activism/militancy was extremely active in the social spaces we studied. We look on to railway workers, salt-makers, seamen and port, among others are the ones that re-invent their daily routines to enjoy themselves.

Keywords: celebration; everyday; culture.

* Com algumas alterações, o texto é parte do Cap. IV da Tese de Doutorado "*Entre o porto e a estação*. cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE, 1920-1970", defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em março de 2008. A pesquisa teve apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

** Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Sobral-CE. Contato: augustus474@hotmail.com

Quando o historiador inglês E. P. Thompson afirmou que os historiadores cada vez mais se dedicavam a estudar "o calendário dos rituais e festividades no campo e na cidade, o lugar dos esportes na vida social, os diferentes rituais de trabalho e lazer antes e depois da Revolução Industrial...",[1] procurava evidenciar o caráter "cultural" da classe operária, tanto quanto o "econômico", tão explorado na velha tradição marxista. Na esteira das contribuições thompsonianas, os estudos sobre o cotidiano dos trabalhadores arejaram o campo da história social e cultural.

No Brasil, os trabalhos do historiador Sidney Chalhoub nesta área reforçam a tendência a se perceber os trabalhadores para além da rigidez do ideal burguês de trabalho. Neste sentido, as visões destes homens que burlam as convenções deste ideal, associando-o com as práticas de lazer, frequentando os botequins nos "interstícios da jornada de trabalho, quebrando assim a rotina de produção que seria desejável do ponto de vista estrito dos donos do dinheiro",[2] assinalam esta tendência de se estudar os trabalhadores em seu universo de relações por este viés.

Fundamentado nestas proposições, pretendo mostrar como os trabalhadores urbanos de Camocim, uma pequena cidade portuária no norte do Ceará, puderam reinventar seu cotidiano neste aspecto cultural e suas imbricações com o mundo do trabalho, atentando para as trocas culturais e os conflitos advindos, privilegiando os momentos de diversão e luta na teia das complexidades de relações com outros grupos sociais. Pelos limites deste artigo, não realizarei um debate teórico sobre o que está posto. Outros já fizeram essa tarefa. No entanto, refletir sobre a complexidade destas vertentes tão díspares, mas, presentes no objeto de estudo, parece ser mais do que um desafio. Acredito, portanto, que a experiência dos trabalhadores camocinenses no "chão do cais", o cotidiano da vida sindical, as relações sociais com os diversos setores sociais, os espaços de sociabilidade, as temporadas de trabalho em outros portos, as manifestações festivas e de lazer, as comemorações cívicas e simbólicas são ingredientes de um caldo cultural forjadores de uma identidade operária. Neste sentido, cabe analisar os vários aspectos que informam sobre essa construção, que é também cultural, posto que elaborada dentro dos seus códigos de percepção do real e do imaginário.

Os trabalhadores, portanto, não apenas elaboram, mas também representam suas manifestações culturais. Usando a noção de *teatro*, Thompson acredita que os donos do poder e os pobres encenam suas relações dentro daquilo que consideram essencial: "o controle político e o protesto, ou mesmo a rebelião".[3] Contudo, esta encenação de poderes não prefigura uma tácita relação de dominação e subordinação entre os donos do poder e os dominados. Thompson nos diz que "no interior e por baixo desse arco, há um sem-número de contextos e situações em que os homens e mulheres ao se confrontarem com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecas ao seu modo de vida".[4] Neste sentido, um cotidiano que escapa um pouco da dureza do trabalho portuário ou ferroviário, mas que não quebra suas imbricações com o mundo do trabalho, será ressaltado nessa narrativa. No entanto, a preocupação é

1 NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio (orgs.). *E. P. Thompson*. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p.237.

2 CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar & botequim*. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 258.

3 NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio (orgs.). op. cit, p. 239.

4 Ibidem, p. 261.

dar conta de como estes homens e mulheres procuravam usar o tempo livre para liberação de seus desejos, prazeres e manifestação de suas práticas culturais.

Alicerçado no que as fontes apresentam em sua materialidade e no diálogo com suas possibilidades, as manifestações culturais dos trabalhadores se dão nos espaços públicos e privados, como os sindicatos, clubes, cabarés etc. Contudo, apesar dessas distinções espaciais, essas manifestações não possuem uma rígida conformação no seu desenrolar. Por exemplo, a comemoração do Primeiro de Maio organizada nos sindicatos é na rua que ganha visibilidade festiva e política. Da mesma forma, os bailes de carnavais nas sedes sociais dos sindicatos tinham suas correspondências nos blocos que saíam às ruas. Assim sendo, as histórias aqui recuperadas e analisadas têm como protagonistas os trabalhadores que nas suas práticas cotidianas rompem com a fronteira desses espaços mostrando toda sua vitalidade. Nesta linha de pensamento, procuraremos mostrar o lado peculiar dessa experiência cotidiana dos trabalhadores urbanos de Camocim.

Os trabalhadores fazem e vão à festa – passeatas, marujadas, procissões e forrós

Capitão põe piloto em liberdade.
Meu bom piloto se for livre já está.
Meu bom piloto se for livre já está.
Hoje é dia de festejo não costumo castigá.
Hoje é dia de festejo não costumo castigá. [5]

Na história do movimento de organização das categorias profissionais em Camocim já se enfocou a presença da militância comunista, que, sem dúvida, contribuiu para o surgimento de uma tradição de lutas que traz em seu bojo uma tentativa de construir uma cultura operária. Para tanto, os comunistas procuram um calendário de ações comemorativas relativas a determinadas datas, fatos e nomes do seu ideário. Nas associações e sindicatos em que havia alguma presença de comunistas, ou "socialistas", a lembrança de enviar um telegrama ao senador Luís Carlos Prestes na sua data natalícia, ou comemorar o Primeiro de Maio são fatos recorrentes que, dependendo do contexto político, são comemorados com maior ou menor entusiasmo. Nos momentos de repressão, expressar simpatia ao líder poderia render dissabores. Mesmo no período da redemocratização (1945-50), o sindicalista Sotero Lopes, por exemplo, foi fortemente espancado pela polícia, em janeiro de 1950, por promover foguetório e pichações de muros com dizeres referentes ao aniversário de Prestes.[6]

Embora, como podemos perceber no parágrafo anterior, a repressão policial fosse intensa com relação às ações dos comunistas, o contexto da redemocratização permitiu aos militantes alguma liberdade. O Primeiro de Maio de 1946, por exemplo, foi especial, devido à experimentação de legalidade do Partido Comunista. O jornal *O Democrata*, órgão de orientação comunista no estado do Ceará, passou a

5 Nau Catarineta de Camocim. Mestre: Sebastião Marques. Recolhido pelos professores Aloysio Alencar Pinto e Irany Leme. Ver: SERAINE, Florival. *Folclore Brasileiro.* Ceará. Rio de Janeiro: MEC-FUNARTE, 1978, p.63.

6 Sobre os acontecimentos ocorridos por ocasião dos festejos do aniversário de Luís Carlos Prestes em Camocim, ver: "Terrorismo em Camocim". *O Democrata*. Ano I, n° 959, 18 de janeiro de 1950, Fortaleza-CE, p. 1.

circular procurando recuperar um imaginário da militância comunista, noticiando fatos ocorridos durante o período de repressão, notadamente os acontecimentos de 1935-36, que boa parte da historiografia cunhou como Intentona Comunista. A cidade de Camocim é lembrada com especial atenção pelo jornal, face ao desdobramento destes eventos que culminaram com a morte de dois militantes comunistas que vinham fugindo da polícia desde o estado do Rio Grande do Norte, fuzilados nos arredores da cidade, fato que ficou conhecido como *O Massacre do Salgadinho*.[7] A reportagem especial do jornal, recuperando esta tradição de lutas, elegendo heróis e associando a eles a conquista desse novo tempo, fez deste Primeiro de Maio uma peça histórica em que os comunistas se reconhecem nela, além de saudar a cidade como um lugar onde prospera este novo tempo.

As comemorações do Primeiro de Maio, portanto, são pensadas por um organismo associativo ou sindical, no caso de Camocim, pelo conjunto das várias entidades, que saem de seu espaço privado e se mostram nas ruas da cidade. No programa, as atividades alusivas ao Primeiro de Maio de 1946, constam desde alvorada, foguetório, sessão solene a passeata pelas principais ruas da cidade, visitando as sedes dos sindicatos, coroando com o comício na Praça Sete de Setembro.[8]

Como se sabe, o Primeiro de Maio está intimamente ligado com a história do movimento operário pela conquista do limite de oito horas de trabalho diário, regulamentação do trabalho feminino e de menores, luta por melhores condições de trabalho nas fábricas, dentre outras. A data, por exemplo, é uma alusão a um dos eventos que simbolizou essa luta, o *Massacre de Chicago,* ocorrido em 1886, em que vários operários foram mortos pela polícia numa manifestação pelo limite de oito horas de trabalho.

Desta forma, as comemorações do Primeiro de Maio, nos momentos de alguma liberdade política, parecem tomar, além da lembrança do caráter combativo do movimento operário, um lado festivo, o que não quer dizer que, ao assumir esse formato, esteja desprovido de um conteúdo de combate, de protesto, de conflito. Estes conflitos estão bem explícitos na reportagem jornalística que demarca bem os campos políticos e linguísticos da época:

> Embora as comemorações do Dia do Trabalho possuíssem um cunho altamente **popular e democrático**, revestindo-se do aspecto de uma verdadeira festa cívica, os **Reacionários e os Fascistas** que ultimamente andam muito congraçados, por toda a parte, acharam por bem estudar expedientes e armadilhas para sabotar o bom êxito das atividades.
> O Sr. Prefeito Municipal, cidadão Francisco Coelho, que cada dia se mostra mais reacionário, caindo, portanto, mais e mais, na antipatia do **povo de Camocim**, à última hora obrigou o maestro a recolher os instrumentos que pertenciam à Câmara Municipal, a fim de que não houvesse música na passeata.[9]

Nota-se aí, uma linguagem bastante influenciada pelos ventos da redemocratização. Há uma intenção de definir uma associação entre o que se entende por democrático e sua relação com o "povo de Camocim", em contraposição àquela

7 Sobre o Massacre do Salgadinho, ver SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha:* a militância comunista nos espaços do trabalho. *Camocim-CE (1927-1950)*. Fortaleza: UFC, 2007.

8 Jornal *O Democrata*, ano I, nº 56, 15 de maio de 1946, Fortaleza-CE, p. 3.

9 Ibidem. Grifos nossos.

parcela da população que ainda não compreendera a conjuntura atual, denominada de "reacionários e fascistas", mas, ainda com o poder de atrapalhar a festa do povo. Mesmo que tenha um aspecto de denúncia, o registro jornalístico acaba por salientar a vitória do povo, que acaba providenciando uma banda da vizinha cidade de Granja, fazendo com que a referida passeata acontecesse com música.

Os trabalhadores camocinenses, ainda que no Primeiro de Maio acima referido não tenham tido a permissão de ter a banda municipal animando o desfile, tempos depois organizaram uma banda peculiar – a Banda dos Sapateiros. Embora não tenhamos uma comprovação da atuação dessa banda nos movimentos políticos dos trabalhadores urbanos de Camocim, sua existência é recuperada pelo cronista camocinense Inácio Santos:

> Tenho cá eu na memória, saudade especial da banda que durante uma época, até por ser única, animava os festejos da terrinha, principalmente a festa do Padroeiro [...] autodenominei 'bandinha dos sapateiros', visto que todos, ou pelo menos 90% dos participantes, eram sapateiros de profissão ou já haviam militado nesta arte. [...] Requisitada esporadicamente sempre que havia necessidade, esses artistas reuniam-se e estavam prontos pro que desse e viesse, não havia tempo para ensaios. [...] Outro pormenor interessante é que na bandinha não existia a figura do maestro, todos eram autodidatas da música. Bastavam reunirem-se, trocarem algumas informações e pronto! Estavam afinados.[10]

A Banda dos Sapateiros de Camocim, pelo seu caráter peculiar, informal, parece estar ligada mais ao lazer operário, no caso, os sapateiros, tornando-se um importante elo na vida social do município, do que propriamente atrelada a uma entidade profissional ou, até mesmo inerente à formação da classe. Numa rápida conversa com o sr. Raimundo Aristides, um dos remanescentes desta banda, descobrimos que os instrumentos eram de propriedade da prefeitura local, mas, os músicos não tinham vínculo com a municipalidade, recebendo apenas gorjetas dos organizadores dos eventos em que tocavam ou em troca de uma boa pinga, como no aniversário do Sindicato dos Portuários.

Contudo, não se pode descartar sua participação nas manifestações dos trabalhadores, visto que, como ressalta o cronista, ela era única na cidade, no período que relembra. O próprio ex-trombonista, sr. Raimundo Aristides confirma a participação da banda nos festejos do Primeiro de Maio e nas alvoradas dos aniversários das entidades sindicais, principalmente no dia seis de janeiro, dia dedicado aos portuários.

Numa outra perspectiva, observa-se que esses trabalhadores se organizavam na defesa de seus postos de trabalho. A mobilização das entidades profissionais nos acontecimentos de 1949-1950 contra a transferência das oficinas e dos funcionários da ferrovia, que envolveu toda a cidade, apresenta várias ações orquestradas que demonstram um aprendizado de lutas. No sentido de impedir a saída dos trens, homens, mulheres e crianças obstruem o leito da ferrovia com paus, pedras e

10 A composição da banda, segundo o cronista era: "No pistom, Truaca, no trombone de pista, Raimundo Aristides, no trombone de varas, Benone, na tuba ou contrabaixo, sr. Tasso, na trompa, Zé Ribeiro, no sax, Antonio Basílio, no clarinete, João Brito, nos instrumentos de percussão: bumbo acoplado com pratos, o Cabeça, no tarol, Fransquinho Basílio". SANTOS, Inácio. "A Banda dos Sapateiros". *O Literário*, Ano III, Edição 19, setembro de 2001, p. 3, Camocim-CE.

restos de caldeiras. Instalam uma sirene que acionada poderia ser ouvida em toda a cidade, chamando a população para o palco dos acontecimentos – a estação. Vagões são pichados com palavras de ordem, passeatas são realizadas e até um enterro simbólico do diretor da Estrada de Ferro de Sobral foi encenado. Exigem a presença do governador do Estado e do ministro de Obras e Viação em Camocim. Por quase três meses, o povo ficou mobilizado até a vinda dessas autoridades para garantirem a permanência dos trens e dos funcionários e fazerem as promessas nunca cumpridas de sempre. Porém, a experiência desses dias deve ter calado fundo nas categorias profissionais e contribuído para sua formação cultural de alguma forma.

Ainda em relação às comemorações, eram realizadas as festas de aniversário das respectivas entidades, quase sempre nas suas próprias sedes. Para os estivadores, a data magna era o dia três de agosto. Na documentação pesquisada, há uma preparação e uma discussão sobre a viabilidade dessas festas, mesmo porque, as condições financeiras eram sempre colocadas como obstáculos a uma festa digna para os sócios, contudo, sempre se organizava alguma programação. No mês de agosto de 1970, por exemplo, ficou acertado que haveria o seguinte:

> 5:00 horas da manhã – alvorada com foguetes;
> 7:00 horas – missa interna na sede;
> 9:00 horas – uma sessão solene para todos os associados e suas famílias;
> 11:00 horas – uma caranguejada com aperitivos mesmo na sede.[11]

Este tipo de programação com alvorada, missa e sessão solene era um modelo mais ou menos consagrado nos festejos de aniversários das entidades sindicais. Nas comemorações do 18º aniversário da Sociedade Beneficente Ferroviária em 1950, constaram a indefectível alvorada às cinco horas da manhã e o convite para as demais entidades fazerem parte da sessão solene. Agregando algo mais ao caráter solene, alguém lembrou um dos fundadores da SBF e pediu que se fizesse a "limpeza no túmulo do Sr. Oijama Brígido Bastos, o que ficou acertado ser feito com dinheiro angariado no pessoal das oficinas".[12]

O que mudava, no entanto, era a parte relacionada ao entretenimento, às vezes realizava-se festas dançantes, jogos de futebol, passeios ou, como neste caso, uma caranguejada. No ano seguinte, o presidente do Sindicato dos Estivadores do Porto de Camocim (SEPC), após explicar as condições financeiras da entidade, disse que não podia fazer grandes despesas, e colocou em votação a programação, ficando resolvida a realização de uma "alvorada com foguetes, uma missa e depois um café, estas comemorações pela manhã". Mais uma vez a festa dançante foi preterida.[13]

Os sindicatos também eram chamados a participarem das celebrações oficiais, principalmente as solenidades da Semana da Pátria. Além da leitura dos discursos oficiais dos presidentes do período militar nas sessões alusivas à data de nossa independência, havia o reforço, o chamamento e a lembrança do presidente dos sindicatos aos associados para participarem ativamente das atividades cívico-patrióticas. Para ilustrar, a Semana da Pátria de 1978, organizada pelo município, previa a presença em dias alternados dos estivadores, salineiros, portuários e operários da construção civil, que deveriam ser os responsáveis pelo hasteamento

11 SEPC/AAGE, de 19 de junho de 1970, Livro 2. Camocim-CE.
12 SBF/ASO, de 30 de junho de 1950. Camocim-CE.
13 SEPC/AAGE, de 11 de julho de 1971, Livro 2. Camocim-CE.

e arreamento do pavilhão nacional. Além disso, era comum a demonstração de força e perícia dos trabalhadores em competições como o Cabo de Guerra.[14] Talvez a pouca inovação nas programações destes eventos tenha levado o estivador Aníbal Rosendo de Oliveira a reclamar da diretoria do SEPC no ano de 1977. Contudo, o presidente Francisco das Chagas de Carvalho não gostou da forma desrespeitosa com que o sócio reclamara, narrando os acontecimentos em ofício ao capitão dos Portos:

> [...] quero fazer saber a V. Sa. que na véspera das comemorações do dia 1º de Maio, fui abordado pelo sócio deste Sindicato Sr, Aníbal Rosendo de Oliveira que [...] procurou ridicularizar o que estava programado por motivo de querer menosprezar os meus feitos dentro do atos Cívico-Religiosos que estavam programados conforme a vós foi enviado. Tudo começou por motivo do Sr. Aníbal querer em lugar da celebração da Santa Missa, fazer um baile, pois que me permita a V. Sa., o mesmo disse em minha cara que 'Porra de Missa' não adiantava nada para ninguém, agora se fizesse uma festa aí estava certo [...][15]

Festeiro contumaz, Aníbal tinha fama de acabar várias festas no sindicato "com desordens e arruaças". Segundo o presidente do SEPC na sua exposição ao capitão dos Portos, este era o motivo de não realizar mais festas dançantes nessas ocasiões. Além de desrespeitar o clero, "algo de muito importante para nossa **instituição nacional**", o presidente aponta ainda uma argumentação "social" para não realizar a festa – é que Aníbal ameaçava entrar no recinto da provável festa com uma mulher que não era sua legítima esposa, o que poderia gerar constrangimento às mulheres dos outros associados, uma vez que alguns associados manifestaram o desejo de levar suas esposas.[16]

Para evitar tal constrangimento, o presidente decidira não fazer a festa. Mas este motivo aumentou a tensão entre ele e Aníbal ao ponto de quase chegarem às vias de fato. Para Aníbal, o fato de preferir festa à missa e estar "amigado" com uma mulher não eram atos desabonadores de sua conduta. Porém, como assinala o presidente, por estas e outras coisas, o sócio em questão "desacata as diretorias do Sindicato, pois todas que entram, há descontentamento com ele" e, em vista disso, solicita à autoridade segurança "porque está correndo perigo de ser pegue [*sic*] por este a qualquer hora onde nos encontrarmos porque foram as últimas palavras que ele falou quando se retirou da minha presença".[17]

Indisciplina, moralismo, autoritarismo e outros "ismos", como se vê, não apareciam somente nas relações mais afeitas ao mundo do trabalho, mas, também, estavam presentes nas questões relacionadas ao lazer, às comemorações, enfim, ao universo dito cultural destes trabalhadores. Universo este formado pelas manifestações puramente locais, mas, com motivações e apropriações globais, obedecendo ao movimento da circularidade da cultura. Decidir emoldurar a sala de reuniões da SBF com o quadro "Os Oito Mártires de Chicago", mandar um

14 SEPC/AAGE, Livro 2 - 28 de agosto de 1978. Camocim-CE. A programação da Semana da Pátria de setembro de 1978 constava do seguinte: Dia 1° – Presença no hasteamento e arreamento do pavilhão nacional. Dia 2 – Sindicato dos Portuários. Dia 3 – Sindicato dos Estivadores, com a palavra de um estivador. Dia 4 – Sindicato dos Salineiros. Dia 6 – Sindicato da Construção Civil de Camocim. SEPC/Correspondências recebidas. 1978. Camocim-CE.

15 SEPC/Correspondências Enviadas. Ofício nº 14/77. 1977. Camocim-CE.

16 Ibidem.

17 Ibidem.

telegrama pelo aniversário de Prestes, criar uma dança do coco, uma marujada, comemorar a data de fundação do sindicato com uma caranguejada são exemplos pontuais desse movimento.

Um exemplo de como os trabalhadores são capazes de realizar seu próprio lazer, mediado pelas apropriações que fazem do que vêem em outros lugares ou do que chega até eles, é a *Nau Catarineta de Camocim*, registrada em obra sobre o folclore brasileiro. Com uma miniatura de barca, os trabalhadores deixam as sedes e ganham as ruas representando seu cotidiano repleto das experiências e das relações vividas no interior dos navios. A festa da Nau Catarineta, portanto, expressa uma tradição que se transforma em cada porto, a ponto de existirem várias versões do folguedo por todo o país. É, portanto, no cotidiano do navio que essas manifestações nascem, posto que, como disse Peter Linebaugh, "é evidente que ele se tornou um local de encontros, onde se apinhavam várias tradições, numa estufa de internacionalismo de extraordinário vigor".[18]

Camocim teve a sua versão de Nau Catarineta. Segundo algumas informações, o folguedo era uma espécie de auto representado por personagens inspirados na tripulação de um navio, com cerca de trinta ou quarenta pessoas uniformizada a caráter dançando ao som de música e versos ritmados, preservados na quadrinha em epígrafe no início deste tópico, e nas fugidias lembranças de velhos marinheiros. O sr. Euclides foi testemunha das apresentações do folguedo:

> No Parazinho, por exemplo, nos dias de festa, Dia de São Pedro, eles levavam a Barca de São Pedro e quem conduzia [...] era o Cacau, o Cacau se fardava todo de branco, o meu irmão Valdemar e o mestre do rebocador eram os homens que conduziam a barca de São Pedro. Esta barca eu acho que não existe mais [...][19]

No final dos anos 1940, o estivador Sebastião Marques organizava este folguedo e animava vários pontos da cidade. Infelizmente, não restou muito dessa festa, a não ser o registro na obra já referida e algumas parcas lembranças de depoentes que não ajudaram muito a reconstituir o sentido e a beleza da mesma. Talvez contemporaneamente, o fato de se levar ainda a imagem de São Pedro dentro de uma miniatura de canoa compondo o andor na procissão marítima em homenagem ao padroeiro dos pescadores, seja uma reminiscência da Nau Catarineta de antigamente.

A procissão de São Pedro, atualmente, ainda motiva a participação dos pescadores. Capitaneando suas embarcações, desde as simples canoas, até barcos de pesca de vários tamanhos e balsas, eles vão ao encontro do barco em que está a imagem do santo, no cais do porto, demonstrando uma ruidosa alegria, que destoa de uma característica silenciosa e circunspecta da procissão católica. Observador dessa festa religiosa, o escritor camocinense Carlos Cardeal apresentou em seu romance, *Terra e Mar*, sua ligação com a gente simples da beira da praia. Não somente os dramas pessoais são evidenciados, mas o autor se dedica a descrever as festas tradicionais da cidade, revelando uma preocupação com as manifestações culturais locais.

18 LINEBAUGH, Peter. "Todas as montanhas atlânticas estremeceram". *Revista Brasileira de História,* n° 6. São Paulo: Marco Zero, 1984, p.35.

19 Parazinho é um distrito do vizinho município de Granja, distante cerca de 40 km de Camocim, onde se celebra na primeira semana de julho a festa de Nossa Senhora do Livramento, uma das cinco maiores festas religiosas do Ceará. Entrevista com o sr. Euclides Negreiros realizada em 25/04/2007. Camocim-CE.

Tomando como base a festa de São Pedro, o escritor mais uma vez, demonstra sua opção por retratar o cotidiano desta parte da população. As festas do padroeiro não possuem a pompa e a riqueza de outros tempos, o novenário não é tão concorrido como outrora, contudo, a comemoração permanece e o retrato pintado por Cardeal no romance ainda guarda muito em semelhança com a festa realizada atualmente:

> A procissão de São Pedro começa por terra e termina por terra, mas a grande parte do seu percurso é feito por água. No Rio da Cruz, os mais diversos tipos de embarcações cruzam-se cortando as águas. Enfeitadas com flores silvestres, papel colorido e folhas de coqueiros, elas mais parecem jarros gigantes boiando sobre as águas. Duas da tarde, sob o sol ardente o cortejo sai da igreja de São Pedro. Grande fila de carros segue o andor instalado provisoriamente sobre a capota de um deles. [...] Após a rápida passagem do cortejo, a multidão segue para a praia dos Coqueiros. Lá, grande é a concorrência dos mais afoitos por um lugar nas embarcações.[20]

Quem não consegue um lugar nos barcos ou prefere caminhar segue a procissão por terra junto à balaustrada, acompanhando o santo acomodado em uma das embarcações. Ressalve-se a grande quantidade de fogos de artifícios explodida durante o cortejo. Terminado o percurso marítimo, a imagem do padroeiro segue para um palanque armado defronte a Colônia dos Pescadores onde é rezada a missa final. A data de 29 de junho é feriado municipal, independente do dia da semana em que venha recair.

Ainda no aspecto religioso, interessante notar que os camocinenses praticamente elegem três padroeiros: o oficial, Bom Jesus dos Navegantes, que batiza a igreja matriz, festa realizada entre 16 a 26 de novembro, que perde em concorrência e arrecadação dos fiéis para a Festa de São Francisco, no mês de outubro; além, da Festa de São Pedro que, apesar de ter perdido muito do brilho das quermesses, do partido azul e vermelho e leilões, ainda fascina, como já dissemos, pelo cortejo marítimo.

Afora essas festas que aliam o caráter religioso ao profano e que têm sua realização nos espaços públicos das igrejas, das ruas e do mar, percebe-se, na documentação, que as agremiações sindicais se esforçavam para propiciar um mínimo de lazer para seu corpo associado. Forrós, tertúlias e outras formas de diversão faziam parte das opções que as diretorias dos sindicatos tentavam oferecer aos seus sócios. Pensando nisso, em plena crise dos trabalhos de estiva, o presidente do SEPC, Veridiano Rosendo da Cruz, fez "uma narração eloqüente na esperança de ser compreendido por todos os sócios presentes e para compra de uma radiola "altafidelidade" para diversão dos sócios e suas famílias". [21] Como já deu para perceber, tudo neste sindicato era motivo de intensa discussão. O dinheiro para a compra do objeto em questão viria, segundo o presidente, do montante relativo às férias do período de dezembro de 1969 a maio de 1970.

Os espaços das sedes para a realização do divertimento e do lazer estavam sujeitos às restrições administrativas, estatutárias e morais, como foi mostrado nos conflitos descritos acima. Porém, o mesmo não se pode dizer das zonas próximas ao porto e da periferia da cidade. Como os clubes mais elegantes da cidade não

20 ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *Terra e mar.* Fortaleza: Fundação Dolores Lustosa, 1988, p.93.
21 SEPC/AAGE, de 9 de junho de 1970. Livro 2. Camocim-CE.

permitiam o ingresso de trabalhadores e moças que não fossem de família, prostitutas ou não, a maioria deles e delas ficavam apreciando o divertimento dos ricos no "sereno da festa".

Contudo, os pobres também eram capazes de se organizar e fundar seus espaços de lazer. Sem querer fazer uma diferenciação extremada entre pobres e ricos neste quesito, pois, sempre havia aqueles que "furavam" estes bloqueios de parte a parte, foram criados clubes populares como o Grêmio São João e o Clube das Morenas, onde os trabalhadores e os filhos destes poderiam se divertir com "pessoas do seu nível social". As casas de alguns cidadãos, ou o terreiro destas, também serviam como espaço para as festas mais populares, porém, com regras bem claras de respeito e com a secular proibição das prostitutas.

Os vários "maxixes" da área portuária, portanto, era o que restava para as prostitutas. Embora tivessem também seus códigos próprios de convivência, eram mais abertos aos desejos e prazeres dos trabalhadores. Os "maxixes" eram casas que combinavam a mistura de música, dança e o comércio do corpo. Músicos amadores mostravam suas habilidades, as prostitutas-bailarinas seus corpos e os homens seus cobres amealhados em terra e no mar. Para além de uma mera relação comercial existente nesses espaços, de quem vende ou compra ilusões e desejos numa noite qualquer, a zona do meretrício era também o laboratório de outras relações sociais e culturais. Penso na arquitetura e nos cenários desses espaços, dos artistas e decoradores desses ambientes, irrecuperáveis para o historiador contemporâneo, a não ser pelos trabalhos da memória dos depoentes e da escrita dos cronistas. Rastros dessa pequenina Babilônia.

Presentes na literatura local, a descrição destes espaços revela a atmosfera de uma cidade onde as pessoas se misturam em toda sua diversidade. Viajantes, nativos, marinheiros de além-mar, rendem-se ao que é propiciado para desafogar seus corpos e mentes, assim como imprimem suas marcas, muitas vezes destruindo estereótipos. A proverbial rudeza do homem do mar, a valentia dos portuários não se aplicava a uma espécie de dândis tupiniquins que, longe de serem almofadinhas, eram tipos que destoavam do conjunto dos trabalhadores da beira do cais. Francisco das Chagas Morais faz questão de ressaltar essa diferença, fazendo do seu modo de vestir um aspecto distintivo de sua condição de portuário que trafega por outros portos, sem contudo demonstrar empáfia:

> Eu passava muito importante, muito pronto, sapato bom, roupa boa, relógio de pulso, cordão bom, chapéu. Passava todo importante, e os portuários ali não eram assim, eles não tinham as oportunidades e as condições que eu tinha. "E ele o que é? É Presidente do Sindicato? É tesoureiro? O que ele é no Sindicato? É portuário, ele é da ativa. Como ele anda todo diferente de vocês aqui?" Aí eles diziam: "não é porque ele trabalha mais é fora... O seu Chico Morais anda bem parecido e vocês maltratados". [22]

Na reprodução do diálogo que Seu Morais recupera, notam-se vários aspectos, além da sua maneira diferente de se vestir. A surpresa dos comerciantes ao perguntar quem era aquele sujeito que se destacava dentre os demais é um deles. A condição econômica de quem sai para trabalhar em outros portos também é evidente, além do fato subjetivo de que se vestir bem pode independer da profissão e da condição

22 Francisco das Chagas Morais, ex-portuário, 90 anos. Camocim-CE.

financeira. É o caso do estivador Magalhães Nogueira Neto, que nunca saiu de Camocim e destacou-se como um verdadeiro *gentleman* no trato com as prostitutas, principalmente com aquelas que lhe devotavam favores sexuais, dedicando-lhes músicas e poesias, enfim, o poeta-estivador no dizer do escritor local R. B. Sotero.

Em recente crônica, outro escritor, Avelar Santos, alcunha Magalhães Nogueira Neto de "O Inimitável" e traça-lhe um perfil: "Profissão: Chapeado da RVC. Local de trabalho: Estação ferroviária. Lazer: cachaça, mulher e música". Inimitável pela maneira impecável de vestir, inimitável pelo trato com as pessoas: "Emérito boêmio e boa praça, mesmo semi-analfabeto, conversava animadamente com quantos lhes cruzavam o caminho". Portanto, Magalhães Nogueira Neto, mesmo radicado em Camocim, procurava se destacar entre os demais, realizando seus carretos diariamente e fazendo uma freguesia fiel. À noite, exercia com maestria uma espécie de personagem pelas praças e bares da cidade, distribuindo simpatia às "damas da periferia". Descreve Avelar Santos:

> Quanto mais ele emborcava uns bons tragos de POJ – famosa cachaça de antanho – mais ele se derretia em gentilezas com as 'moiçolas', singelas e pueris mariposas noturnas, ofertando-lhes, cavalheirescamente, 'páginas musicais' românticas inigualáveis, daquelas arranca-coração, que o **GB**, naquela voz empastada de locutor de FM, 'lançava para o ar' nas possantes bocarras da 'radiadora' da Voz de Camocim.[23]

Seu Morais e Magalhães Nogueira Neto com certeza desfilaram seus charmes pessoais pelos territórios da folgança, dominando pelo cabaré "Terra e Mar", já referido neste trabalho, farol certo para os homens em busca de uma boa farra.

Dentro daquela máxima da "terra do já teve", atribuída à cidade pelos mais velhos, cabe assinalar que outras manifestações culturais foram extintas e algumas sofrem processo de extinção. A Nau Catarineta de Camocim, Os Marujos, ou Marujada organizada principalmente por trabalhadores do porto não foram preservadas pelas novas gerações. Da mesma forma, o Coco de Praia de Camocim, cantado e dançado principalmente por pegadores de caranguejo, salineiros e estivadores não mais é executado e a tradição oral dessa festa parece ter se perdido. Na época em que o SESI – Serviço Social da Indústria atuava em Camocim mais fortemente, nas décadas de 1970 e 1980, o grupo folclórico do coco recebia atenção e se apresentava em suas dependências e outros locais públicos. A sra. Margarida Vieira, ex-agente do SESI em Camocim, ainda relembra sobre o grupo:

> "Foi em 1986 que o SESI com o propósito de resgatar a cultura em Camocim criar um grupo de homens [...] para formar a 'Dança do Coco'. O grupo era composto de 16 homens, pois teríamos 2 para tocar os caixões e 2 para os ganzás e o restante na roda. Os emboladores também tocavam os ganzás. A vestimenta era de algodãozinho tingido da casca do mangue ou do cajueiro para ficar uma cor marrom. Utilizavam também chapéu de palha e dançavam descalços".[24]

Podemos perceber na fala da depoente a relação direta da Dança do Coco em Camocim com os trabalhadores, guardiães da tradição oral dessa dança,

23 SANTOS, Avelar. "O Inimitável". *O Literário*, Ano VII, edição de 8 de julho de 2006, p. 8. "*GB*" são as iniciais do locutor Gerardo Brito que fez sucesso nos vários serviços de som existentes na cidade. Grifo nosso.

24 Entrevista com a sra. Margarida Vieira, professora, 6 de outubro de 2007. Camocim-CE.

procurando na sua execução utilizar elementos muito próximos a sua realidade, desde os instrumentos à vestimenta tingida com tintas de árvores da flora local. Contudo, a maioria dos integrantes deste grupo já faleceu, não passando para as gerações atuais o folguedo, além de não existir atualmente uma política pública de incentivo de práticas culturais deste tipo.

Em fase de agonia estão o Reisado e o Bumba-meu-boi, assim como as cantorias de viola. Mestres e grupos relacionados com estas manifestações mendigam apoio oficial ou privado sem sucesso. Os brincantes do reisado e do boi resistem com muita dificuldade e se apresentam sem muito fausto, talvez apenas pelo simples desejo de manter a tradição. Os cantadores se tornam visíveis apenas no Festival de Violeiros realizado anualmente no Primeiro de Maio, institucionalizado há pouco mais de uma década, porém, funcionando mais como um evento, sem maiores preocupações com a revitalização da cantoria.

Apesar disso, os trabalhadores continuam produzindo seu cotidiano. Suas referências culturais são outras, talvez um pouco mais prontas pela massificação avassaladora dos modernos meios de comunicação, mas, sem deixar de ter sempre um espaço para a inventividade, a criatividade, que os torna ao mesmo tempo globais e únicos. Aos estivadores resta ancorar suas lembranças no porto da memória se refazendo diariamente. Aos ferroviários, esperar um trem que não vêem e nem vem. Aos portuários, buscar outras maneiras de ganhar o pão diário, a cada dia tornando-se mais carreteiros. Aos salineiros, garimpar um serviço nas fazendas de camarão. Aos demais trabalhadores urbanos, a eterna luta para conseguir uma vaga no restrito mercado de trabalho. Aqui e ali, uma festinha, uma sessão no sindicato, um trago de cachaça a mais, pois ninguém é de ferro...

Recebido em: 04/12/2012
Aprovado em: 29/07/2013